

Impacto da crise na saúde sem dados

MONITORIZAÇÃO

O INVESTIGADOR do Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra (CEISUC), Pedro Lopes Fernandes, alerta para a inexistência de um sistema de monitorização dos efeitos da crise na saúde, o que não permite, alega, “um acompanhamento da situação com dados objetivos”.

A situação, aliás, é comum na Península Ibérica, uma vez que a Espanha também não possui este tipo de sistema de monitorização.

Para Lopes Ferreira, a análise que é feita aos efeitos da crise na saúde parte de dados indiretos, como “o aumento dos suicídios, a diminuição drástica de serviços na urgência e o aumento do consumo e do pequeno tráfico de droga”.



Crise explica quebra nas idas às urgências

O investigador destaca a tardia resposta nacional para estes casos, e dá como exemplo o Plano Nacional de Suicídios e Depressões, cujas primeiras reuniões para a sua constituição foram em abril de 2012, cerca de três anos depois de a crise já estar instalada em Portugal.

Pedro Lopes Ferreira falou, ontem, durante o seminário “Impacto da crise nos sistemas de saúde de Portugal, Espanha e Itália”, organizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Na conferência, em que participaram também dois investigadores es-

panhóis e um italiano, destacaram-se alguns pontos comuns.

Cortes em comum

Os cortes no Orçamento de Estado têm sido habituais e sensivelmente na mesma proporção entre os três países em análise. O investigador italiano Mauro Serapioni, do CES, aponta para a redução de custos no transporte de doentes dos meios rurais para os serviços de saúde urbanos como uma das primeiras medidas a tomar nos três países.

JOÃO PEDRO CAMPOS

REDUÇÃO NO TRANSPORTE É UM DOS PRIMEIROS EFEITOS DA CRISE NA SAÚDE